

CORPALMA: TAROT E ORÁCULO

Paola Zordan/UFRGS

Liana Keller/UFRGS

RESUMO

Junto a uma pesquisa em torno das constelações imagéticas de Aby Warburg, apresenta-se o projeto *Corpoalma*, o qual constitui dois baralhos: um com os 22 arcanos maiores do *tarot* e outro com 40 figuras. O projeto gráfico dos baralhos tem como base fotografias de artistas e pessoas convidadas a encenar e performar as figuras dos arcanos maiores, sendo a primeira realização articulada ao Trabalho de Conclusão de Curso de Liana Keller, o qual envolvia a interpretação das figuras com o popular baralho de Marselha. Este foi disseminado em diversas edições desde o século XVIII. Seguindo o mesmo aspecto gráfico e proposta da produção do baralho anterior, o oráculo foi realizado criando figuras com temas intuitivos, que, tal como os diversos tarôs criados nos últimos séculos, é passível de múltiplas composições e leituras.

PALAVRAS-CHAVE

tarô; baralhos; arcano; oráculos; iconografia

Conjuntos de imagens impressas, de fácil manuseio, que podemos mover e demover em múltiplas combinações, as quais, ao serem observadas abrem “espaços ao pensamento”(WARBURG, 2010, p.165), são o que, dispostas em 79 painéis, compõem o que Aby Warburg chamou *Atlas menmosyne*. Este dispositivo de análises infinitas, apresenta, nas pranchas 51 e 50, cartas dos *tarocchi*, naipes italianos, os quais constituíam efetivas mnemotécnicas da estrutura social e dos valores europeus dos séculos XV e XVI. Chamado hoje de tarot¹, trata-se de um conjunto de imagens passíveis de diversas investigações históricas (KAPLAN, 1977; COUSTÉ, 1983; FARLEY, 2009), encontrados, com recorrências figurativas e ornamentais, em variações estilísticas e temáticas em Iluminuras desde o século XIV.

A iconografia que populariza essas imagens tem os baralhos nomeados como *Tarot de Marselha*, primeiramente xilogravuras e posteriormente gravuras em metal, a maior recorrência, popularizada por sua ampla propagação desde o século XVIII. As

multiplicidades combinatórias e a contingência dos traçados de baralhos, especialmente via o contraste dos ricos baralhos manufaturados e os de impressão barata, vira matéria literária (CALVINO, 1991; COLOMBO, 2013). Diferente das alegorias clássicas, ainda que delas aproximadas, tais imagens possibilitam leituras nunca submissas a um significado único e fechado, de modo que, por sua interpretação ser misteriosa e nunca circunscrita ao simbolismo canônico, comumente passam a ser chamadas de *arcanos*.

O presente trabalho apresenta uma proposta poética em torno dos arcanos de tarot e arcanos criados a partir de vínculos, intuições e situações cotidianas. Arcanos como Leitora, Ébrio, Mosca, Gás, Dor, entre outros, são criados num baralho que, como qualquer imagem passível de leituras combinatórias abertas à intuição, apresenta caráter oracular. Em seu aspecto mais amplo, a pesquisa na qual se inclui o trabalho aqui apresentado, pensa oráculos como dispositivos relacionais, os quais, em sua diversidade de signos, permitem, via diálogos e leituras, compreensão de sentimentos, visualização de afectos, racionalização de fatos e apreensão de forças nem sempre fáceis de serem discernidas. Produto dos sincretismos medievos, o tarot pode ser compreendido como “sistema sintético de pensamento” (COUSTÉ, 1977, p.12), cujo vitalismo opera de acordo com tendências contingentes e analogias referênciais.

Imaginação, jogo, aventura pessoal. O tarô conta a história de alguém que está procurando escrever a história do que não sabe. Obra-prima do pensamento analógico, a leitura dessa história é interminável: não só por seu caráter perpetuamente referencial, mas também porque cada leitor a transforma em outro livro cada vez que a consulta. Esta talvez é a razão fundamental para que se aproxime, na atualidade, deste livro que pode ser todos os livros. (...) mesmo quando o consideramos apenas uma coleção de estampas organizadas segundo um modelo caprichoso, o poder sugestivo desse modelo tão apaixonante justifica a existência de todos os discursos e teses variadas que o seu mistério produziu (COUSTÉ, 1977, p. 16).

Junto aos estudos do cineasta Alejandro Jodorowsky, o tarot é pensando enquanto efetivo jogo da vida, no qual se apresenta um caminho a ser trilhado. Compreendido como “instrumento essencialmente projetivo” (JODOROWSKY, 2016, p.37) sem forma final, sem uma unicidade perfeita, trata-se de uma combinação que não apresenta significações definitivas. Defendendo que o tarot nos ensina a ver segredos existenciais que estão diante de nós, o autor mostra que nenhuma carta é superior ou melhor que a outra. O arcano figura linhas de força e subjetivações num conjunto

enunciativo, imanente ao que a imagem apresenta, como dispositivo e nunca como “verdade” sobre algo.

Com a filosofia da Diferença, um dispositivo pode ser compreendido como “conjunto multilinear” (DELEUZE, 1996, p.83) que traz entrelaçamentos de processos subjetivos, os quais implicam saberes e embates entre poderes. Ao produzirem um jogo, os arcanos dispostos aos leitores se desviam dos significados perenes e eternos das figuras conhecidas, permitindo a criação de singularidades que, ao invés de instaurar destinos e verdades, demonstram forças que atravessam os corpos e os territórios por eles percorridos.

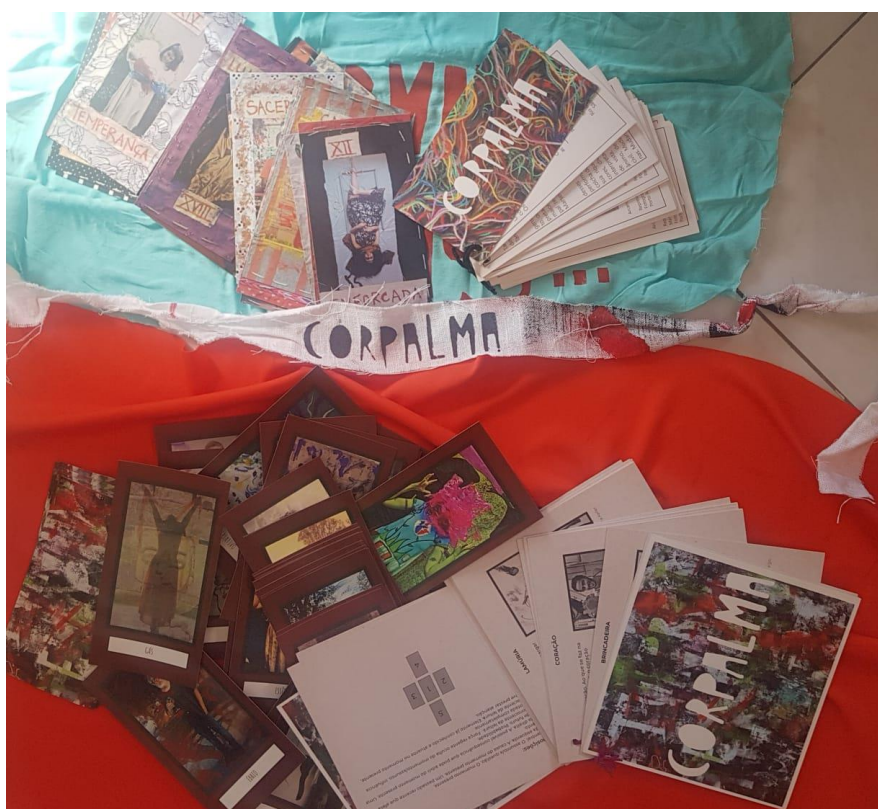


Fig 1. Liana Keller, baralhos de tarô (acima) e oráculo (abaixo) junto às respectivas embalagens. 2014-2020

Fotografia de Paola Zordan

Os baralhos *corpalma*², cujo nome afirma a imanência psíquica das imagens, partem de proposições lúdicas e pedagógicas, nas quais artistas, estudantes, pesquisadores e convidados interpretam/performam arcanos. Inicia em 2014, tendo como principal referência imagens do *Tarot* de Marselha, mas não esse baralho apenas. As fotografias, registradas por uma câmera de aparelho telemóvel, são trabalhadas para comporem o projeto gráfico dos baralhos impressos. A captura das imagens é da artista, e, quando esta performa, a captura é feita por terceiros. Entre várias fotos

tiradas em cada sessão, uma, escolhida juntamente com quem encena o arcano, é editada, com cortes e filtros, para obtenção da imagem final. Por vezes, as cenas performativas implicam figurinos, adereços e outros elementos que fortuitamente estiverem ao alcance. Algumas vezes, registros fotográficos com pouca produção são suficientes para figurarem uma carta.

O projeto encontra ressonâncias na pesquisa de Fernanda Viana, sendo a referência mais recorrente a fotógrafa belga Alice Smeets com o *Tarot Rider-Waite*, desenhado por Pamela Smith no início do século XX. Cem anos depois da edição do referido baralho, a série *The Ghetto Tarot*, faz moradores de Porto Príncipe, capital do Haiti, se transformarem em arcanos. Com a intenção de mostrar a criatividade dos participantes as condições de vida dos haitianos, a fotógrafa utilizou materiais encontrados e reciclados para caracterizar seus personagens.



Fig 2. Arcano Maior XIII- A Morte. Fotografia de Alice Smeets.

Enquanto registro de experimentações performáticas e usos do corpo, temos um tipo de fotoperformance, ainda que se evidenciem fotografias encenadas, tendo em vista a produção de figurinos (mesmo improvisados) e a encenação de gestos. Como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais, a proposta também organizou oficinas específicas e um projeto de ensino para a escola básica (KELLER, 2018). Nestas proposições de caráter pedagógico, assuntos pertinentes ao universo da fotografia, como enquadramento, composição, iluminação, foram tratados em sala de aula. No entanto, esse trabalho, por meio de produções fotográficas em dispositivos móveis, preza pela inventividade momentânea, sem

grandes planejamentos. As encenações acontecem em lugares do cotidiano dos participantes, sendo nestes espaços colhido o material para as fotografias. A relação entre artista que captura o arcano encenado e quem o performa possibilita a fala e a escuta dos envolvidos. Em todas as circunstâncias, após todos serem fotografados, há compartilhamento de imagens, apreciação conjunta e diálogo acerca dos resultados, sendo escolhida uma imagem entre as várias obtidas. Essa conversa, a qual define elementos e tratamentos da imagem no produto final, pode se dar por meio de projeção, impressão das imagens ou até mesmo exibição nos próprios aparelhos fotográficos.



Fig. 3 Liana Keller, Arcano Maior do *Tarot XIII - A Morte*. Fotografia de Daniel Gustavo

Desde o dadaísmo encontramos obras que se utilizam de baralhos e tarôs em suas poéticas, cujas edições exprimem estilos, contextos e movimentos artísticos. Ao pesquisarmos a diversificada produção gráfica em torno destes materiais, novos tarôs e oráculos são criados. Além do trabalho de Liana Keller, em destaque devido a todo tratamento plástico do projeto e o uso profissional que a artista-taróloga faz da própria produção oracular, há mais estudantes desenhando seus arcanos. O projeto de pesquisa, que se vale das constelações de Aby Warburg para pensar coleções de imagens temáticas e iconografias específicas relacionadas a produções poéticas, se desenvolve em diversos braços, sendo o tarot, em especial os tarôs com o panteão afrobrasileiro, o desdobramento numa nova pesquisa. Todavia, independente de

suas características visuais e elementos iconográficos, desenvolvidos nos baralhos criados individualmente por membros do grupo, começa-se a investigar artefatos oraculares enquanto práticas colaborativas. Tratam-se de dispositivos relacionais, advindos de todos os povos e continentes, tais como o Ifá iorubano, as runas, o I Ching, as cartas celestes, as árvores cabalísticas, entre outros. Todos estes glifos e ícones, suas combinatórias e esquemas, configuram as psicomaquias que respondem às formas pelas quais o pensamento se constrói para dar sentido à existência.



Fig.4 O Louco, arcano O, encenado por Daniel Gustavo. Foto Liana Keller

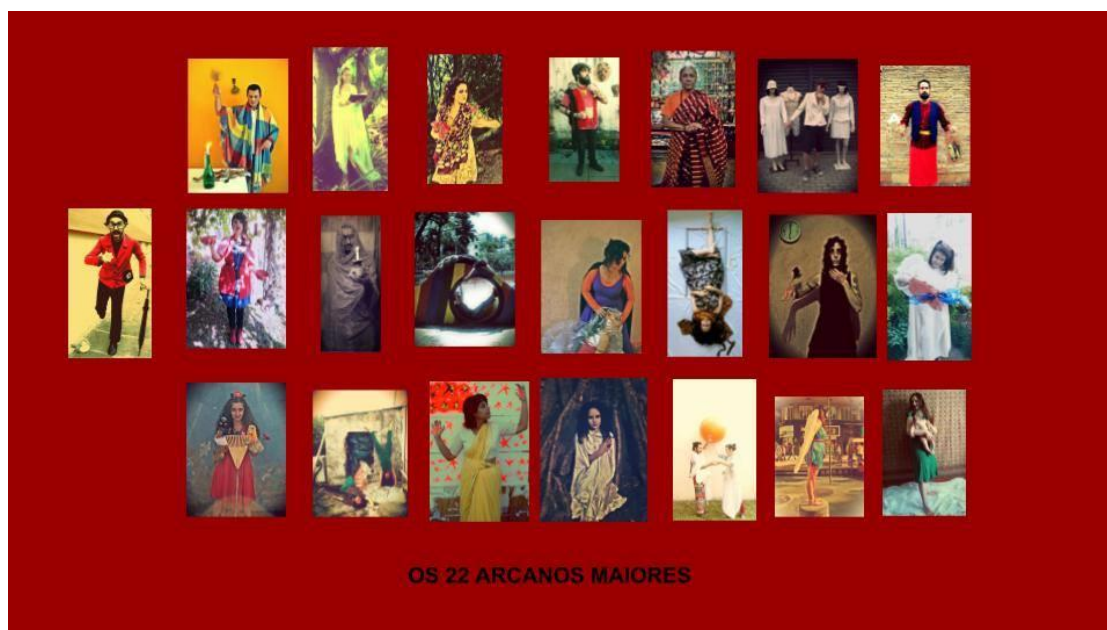


Fig.5 Deck completo Tarot Corpalma. Montagem Liana Keller, 2018

Referências

CALVINO, Italo. **O castelo dos Destinos Cruzados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

COLOMBO, Gisela. **El juego del colgado**. Santa Rosa/AR: Ameríndia Nexu, 2013.

COUSTÉ, Alberto. **Tarô ou a Máquina de imaginar**. São Paulo: Editora Global. 1983.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo**. In: *O mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1996.

FARLEY, Helen. **A Cultural History of Tarot: From Entertainment to Esotericism**. New York: I.B.Tauris, 2009.

JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. **La vía del Tarot**. Sexta edição. Editora Siruela. Espanha, 2014.

_____. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. **O caminho do Tarot**. São Paulo: Campos, 2016. (Selo Chave)

JODOROWSKY, Alejandro. **Yo, el Tarot**. Editora Siruela. Argentina. 2006.

KAPLAN, Stuart R. **Tarô Clássico**. São Paulo: Editora Pensamento, 1977.

KELLER, Liana Lacerda. **O tarot e a fotografia encenada: (re)construir significados**. Porto Alegre: IA/UFRGS, 2018. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais), 2018.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/190182>, acesso julho de 2020.

SMEETS, Alice. **The Ghetto Tarot**. Disponível em: <http://www.ghettotarot.de> acesso em maio de 2020.

VIANA, Fernanda. **Arcanos Performáticos: Resignificações Fotográficas do Tarot de Marselha**. Tese de Mestrado. Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto. Disponível em: <http://docplayer.com.br/26870188-Arcanos-performaticosressignificacoes-fotograficas-do-tarot-de-marselha-fernanda-figueiredo-figueiredo-demelo-viana.html> acesso maio de 2020.

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: Akal, 2010.

_____. **Histórias de Fantasma para Gente Grande: escritos, esboços e conferências**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2015.

¹ Seguindo a grafia internacional, adotada nas traduções de Jodorowsky, a artista opta usar o T mudo e não a palavra *tarô* tal como é recorrente nas edições brasileiras.

² Os resultados visuais do projeto *corpalma* e demais trabalhos de Liana Keller podem ser visualizados em:

<https://www.facebook.com/kellerliana/photos/>

<https://www.flickr.com/photos/lianatrabo/albums/72157641647658804>

https://www.instagram.com/lianakeller_arte_tarot/?hl=pt-br

Acessos em julho de 2020.

Paola Zordan

Bacharel em Desenho, Licenciada em Educação Artística, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Artes Visuais e programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, coordena o grupo de pesquisa Arte, Corpo, ensino (ARCOE/CNPq), desenvolvendo produções transversais entre artes visuais, poesia e esquizoanálise. Contato: paola.zordan@gmail.com

Liana Keller

Arte Educadora, Artista Visual, Performer e Taróloga. É licenciada em Artes Visuais pela UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2002 cria sua marca autoral de artes em diversos suportes, a Trapolândia. E no ano de 2012 inicia trabalhos na área da Arte Educaçã. Contato: lianatrabo@gmail.com